

CENTRO UNIVERSITÁRIO REDENTOR - UNIREDENTOR
CURSO: SERVIÇO SOCIAL

**OS DESAFIOS E AS CONQUISTAS DAS MULHERES NEGRAS NO
MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO**

POR

LAIS MOREIRA DE SOUZA

Itaperuna
2021

CENTRO UNIVERSITÁRIO REDENTOR - UNIREDENTOR
CURSO: SERVIÇO SOCIAL

**OS DESAFIOS E AS CONQUISTAS DAS MULHERES NEGRAS NO
MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO**

POR

LAIS MOREIRA DE SOUZA

Monografia apresentada à
UniRedentor como parte dos
requisitos para a obtenção do
título de bacharel em Serviço
Social.

Orientador(a): Ricardo William Guimarães Machado

Itaperuna
2021

FOLHA DE APROVAÇÃO

Acadêmico/a: Lais Moreira de Souza

Título: OS DESAFIOS E AS CONQUISTAS DAS MULHERES NEGRAS NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO

Natureza: Trabalho de Conclusão de Curso – TCC

Objetivo: Bacharel em Serviço Social

Instituição: UniRedentor

Área de concentração: Serviço Social

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Ricardo William Guimarães Machado
Orientador
UniRedentor

Prof. Esp. Arianne Costa Paschoal
Membro avaliador
UniRedentor

Prof. Esp. Leticia Lucia Silva Santos
Membro avaliador
Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

DEDICATÓRIA

A minha mãe, minha irmã, as minhas tias,
minha prima Thayná e minhas pastoras
Marta e Erica.

À todas mulheres negras e sua história!

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer em primeiro lugar a Deus por estar realizando o meu sonho e agradeço muito por essa oportunidade que me concedeu de estar graduando a faculdade de Serviço Social na UniRedentor.

Obrigado a minha mãe pelo amor, carinho, cuidado e dedicação a mim, por sempre está comigo. Essa vitória é nossa mãe.

As minhas tias Luzia de Fátima Moreira e Maria das dores Moreira, minha irmã Thais Moreira de Souza. Obrigado por tudo, pelo cuidado e carinho intercessão, amor e Fé, nunca me deixo desistir. Vencemos família.

A minha prima Thayná me deu toda força apoio nesse longo período de graduação, nunca deixou desanimar, obrigado por confiar em mim e orar por mim. Aos meus Pastores da Comunidade Evangélica Cura, Obrigado Pr. Marta e Erica, eu agradeço muito pelas orações de vocês, pela Fé, amor, compaixão. Minha vitória também é das minhas pastorinhas.

Obrigado Deus por sempre está comigo principalmente nos momentos difícil, de medo e insegurança, em todo o período da minha faculdade Deus nunca deixou me sentir só, sempre esteve comigo e ainda continua, por isso e sempre sou muito grata.

Sou grata aos funcionários, diretores e coordenadora e aos professores da faculdade, agradeço por todo carinho, dedicação, paciência, amor, agradeço a vocês por ser mais que um professor um grande amigo, isso é tudo.

Eu admiro muito os meus professores da Faculdade Redentora foi um presente de Deus ter vocês na minha vida. Também quero agradecer Steffany Pitote Faria de Oliveira ela foi minha supervisora de Estágio, só tenho de agradecer pela oportunidade que me concedeu e principalmente pela experiência, obrigado por tudo sempre.

Quero agradecer também ao meu orientador de TCC Ricardo William Guimarães Machado. Obrigado professor pela agradável experiência de aprender com você, ter esse momento como grande aprendizado o meu TCC. Agradeço muito por toda dedicação, ter você como o meu orientador foi honra, de muita experiência que vou levar pra minha vida toda.

Aproveitando também pra agradecer as minhas amigas que conheci na faculdade é Layanne Gomes Ribeiro e Khyssela Correa que foram minhas parceiras de graduação, junto com elas vencemos todas as dificuldades, por isso e sempre agradeço por todo o carinho comigo.

Enfim, desde sempre fica o meu eterno agradecimento e carinho a todos.

*Mulher,
Mulher preta,
Luta que vai e que vem
Luta que fica marcada
Luta que é esquecida
O sonhar de conquista merecida
Que horas passa o trem?
E o ganho, será igual também?
Luta, luta, luta...*

*Sua história é sempre contada
Eufemismo e deturpação
Lacunas e encruzilhadas
Assédio e humilhação
Querem te calar
Querem manter suas correntes
A evolução na história é de corpo
E não de mente*

*És tu menina forte
O gênio por trás das paredes limitantes
Mulher que é o próprio sol
De sabedoria intrigante
Mulher rouxinol, de canto noturno
Que de movimentos se veste
Seu dilúvio é oculto
Faz das lutas o seu empoderamento
Do sangue vertido, das vidas tragadas
O seu símbolo de Fomento*

- Khyssela Correa

RESUMO

A pesquisa trata-se sobre as experiências vivenciadas pelas mulheres negras no mercado de trabalho brasileiro. Tem como objetivo identificar os desafios, as dificuldades e resistências enfrentadas pelas mulheres negras no mercado de trabalho. Apesar disso foram às mulheres negras que sofreram historicamente como escravas no período da escravidão, elas viviam uma relação de dominação e subordinação entre senhores e escravas, as mulheres negras que suportaram e passaram por todos os tipos de violência principalmente o abuso sexual, maus-tratos e até mesmo foram mortas e vendidas como mercadorias pelo seu próprio dono senhores engenhos. As mulheres continuam lutando contra a discriminação é a violência que suportaram desde escravidão até os dias de hoje, uma sociedade preconceituosa e racista que tenta toda forma discriminar a mulher pela cor da pele. As descobertas neste trabalho foram possíveis por meio de uma pesquisa bibliográfica, a partir de levantamento de autores que discutem sobre o tema nas principais fontes de pesquisa como Scielo e Google Acadêmico. Descobrimos, preliminarmente, que de fato esse assunto ainda não foi plenamente superado pela população brasileira, pois, em diversas partes do Brasil ainda se presencia atitudes racistas. Apesar das poucas conquistas as mulheres vêm a cada dia ocupando o seu lugar no mercado de trabalho seu direito, lutando contra o racismo, preconceito, discriminação, machismo e desigualdade social.

Palavras-chave: Racismo, mulheres negras, discriminação, desigualdade social, preconceito.

ABSTRACT

The research deals with the experiences of black women in the Brazilian labor market. It aims to identify the challenges, difficulties and resistance faced by black women in the labor market. Despite this, it was black women who suffered historically as slaves in the period of slavery, they lived a relationship of domination and subordination between masters and slaves, black women who endured and went through all kinds of violence, mainly sexual abuse, mistreatment. and they were even killed and sold as commodities by their own owners, planters. Women continue to struggle against discrimination is the violence they endured from slavery to the present day, a prejudiced and racist society that tries every way to discriminate against women for their skin color. The discoveries in this work were made possible through a bibliographic search, based on a survey of authors who discuss the topic in the main research sources such as Scielo and Google Scholar. We discovered, preliminarily, that in fact this issue has not yet been fully overcome by the Brazilian population, as racist attitudes are still present in different parts of Brazil. Despite the few achievements, women have been taking their rightful place in the labor market every day, fighting racism, prejudice, discrimination, sexism and social inequality.

Keywords: Racism, black women, discrimination, social inequality, prejudice.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Objetivos	10
1.2	Metodologia	10
1.3	Justificativa	10
1.4	Problemática	11
1.5	Estrutura do Trabalho	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1	Escravidão no Brasil: enfoque nas mulheres negras brasileira	12
2.2	Lutas e conquistas das mulheres negras brasileiras	17
2.3	Mulheres negras brasileiras: histórias de lutas e conquistas	21
3	MULHERES NEGRAS E MERCADO DE TRABALHO: UMA REVISÃO	
	NARRATIVA DA LITERATURA	28
3.1	Metodologia executada	28
3.2	Resultados	29
3.3	Discussão	34
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa tem com finalidade identificar o racismo contra as mulheres negras brasileiras no mercado do trabalho. Podemos afirmar que as mulheres negras enfrentam diversos desafios diários e limitações que dificultam as mulheres negras de ingressar no mercado de trabalho. As mulheres negras enfrentam a discriminação racial, preconceito, desigualdade social e o machismo, são muitas destas pessoas negras que sofrem a discriminação devido a sua cor de pele, raça ou etnia.

1.1 Objetivos

Após todo exposto, buscamos refletir, nesta pesquisa, acerca dos desafios e as conquistas das mulheres negras no mercado do trabalho brasileiro, analisando as trajetórias históricas das mulheres negras no Brasil: e os reflexos que perpetuam até os dias atuais.

1.2 Metodologia

Com relação à estrutura desta pesquisa de procedimento metodológico foi realizado uma pesquisa bibliográfica acerca das mulheres negras no mercado de trabalho brasileiro, a partir de levantamentos de referência teóricas analisados por meios de autores, livros, artigos.

A pesquisa revela preliminarmente a discriminação e as desigualdades que as mulheres negras enfrentam no mercado do trabalho brasileiro, tem como intenção trazer reflexão dos tempos patriarcal. “Desde os tempos remotos, a mulher ocupa papel inferior em relação ao homem. Inseridas em uma sociedade patriarcal, em que deviam obediência a seus maridos, eram tidas como instrumentos, que deveriam cuidar das tarefas domésticas, de seus filhos e dos maridos, os quais se consideravam seus donos”. (JUNIOR; SILVA, 2019, p.3)

1.3 Justificativa

Apesar de estamos em pleno século XXI às pessoas permanecem com os mesmos pensamentos da era colonial. A história das mulheres negras é fruto de uma evolução histórica de luta é persistência da resistência, foram às mulheres negras que sofreram historicamente como escrava no período da escravidão, elas

viviam uma relação de dominação e subordinação entre senhores e escravas, as mulheres negras que suportaram e passaram por todos os tipos de violência principalmente o abuso sexual, maus-tratos e até mesmo foram mortas e vendidas como mercadorias pelo seu próprio dono senhores engenhos. As mulheres negras não deixaram de lutar pelo seu direito e atualmente lutam por igualdade, isso só revelar que ser negra em uma sociedade escravista era muito difícil. (VARGAS; WAMBIER, 2016)

É notório que independente de sua raça /etnia enfrentam diariamente várias dificuldades pra ingressar no mercado de trabalho, isso só mostrar o quanto a população brasileira é racista e preconceituosa contra mulheres negra, precisamos lutar somente assim conseguiremos enfrentá-lo o racismo. “É hora de ter consciência do racismo no país e lutar para combatê-lo” (RIBEIRO, 2018, p. 33).

Segundo dados Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2018 p. 2) “As pessoas pretas ou pardas são substancialmente mais representadas – apesar de serem pouco mais da metade da força de trabalho (54,9%), elas formavam cerca de $\frac{2}{3}$ dos desocupados (64,2%) e dos subutilizados (66,1%) na força de trabalho”.

Segundo Altas da violência (2020) apresenta, “A chance de uma pessoa negra morrer de forma violenta no Brasil é 2,7 maior que uma pessoa não-negra”. A partir disso podemos analisar que o racismo e a violência que as mulheres negras sofreram e ainda enfrentam na sociedade e também lutam contra o preconceito se manifesta das mais diversas formas no Brasil.

1.4 Problemática

Adotamos como questão norteadora nesta pesquisa a seguinte inquietação: Quais são os desafios e as conquistas das mulheres negras no mercado do trabalho brasileiro?

1.5 Estrutura do Trabalho

Este trabalho é composto de 4 partes: uma introdução, dois capítulos e as considerações finais. No primeiro capítulo, consta o referencial teórico adotado para a fundamentação do estudo da temática. No capítulo seguinte, apresentamos a pesquisa bibliográfica proposta para análise do objeto de pesquisa.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 Escravidão no Brasil: enfoque nas mulheres negras brasileira

A pesquisa tem como objetivo apresenta a história das mulheres negras durante o período da escravidão e mostrar os momentos vivenciados por homens, mulheres e crianças. A escravidão no Brasil teve início no século XVI e perdurou até o século XIX, foram cerca de trezentos anos de escravidão. (SANTOS, 2019). Durante esse período os escravos e escravas enfrentavam situações de humilhações e exploração.

Diante disso, a história traz uma reflexão dos momentos enfrentados por homens e mulheres, crianças negras escravas. Nota-se nesse período da escravidão negros e negras já enfrentava situações de humilhações e exploração, foram trezentos anos de dor de muita luta, resistência e persistência na busca pela liberdade. As mulheres negras suportaram e passaram por todos os tipos de violência e maus-tratos, principalmente o abuso sexual era uma expressão de domínio dos senhores com as escravas. Muitas dessas mulheres negras foram mortas e vendidas como mercadoria, pelos próprios proprietários de escravos.

Desse modo, os homens e mulheres negras eram trazidos em navios, conhecido como “navio negreiro”, a travessia era realizada pelo Oceano Atlântico e duravam vários dias até a chegada ao Brasil, durante a viagem muitos não resistiam e morriam por causa dos maus tratos e as doenças contraídas pelas condições insalubres a qual eram submetidos. Muitos negros eram trazidos da África, eram capturados nas planícies africanas, são levados até o litoral. Chegando lá os escravos e escravas ficavam acondicionados em galpões durante semanas à espera de um navio negreiro. Este era conhecido como tumbeiro, por causa do número de mortes ocorridas durante a travessia do Atlântico. (AMARAL, 2011)

Diante disso, quando o navio negreiro aportava, eram embarcados no porão em grupos de 300 a 500 pessoas, em uma viagem que poderia durar apenas 30 a 50 dias. O motivo era para que coubessem mais pessoas. Ao chegar ao Brasil, os escravos e escravas eram preparados para ser vendidos em leilões, os traficantes os deixavam com boa aparência, diferente daquela que tinham quando desembarcaram para atrair compradores, portanto eles eram bem alimentados por alguns dias e assim agradar aos senhores. Após serem comprados eram levados

para trabalhar no litoral, no corte de pau-brasil, posteriormente, no trabalho nos engenhos de cana-de-açúcar e nas grandes fazendas de café ou nas minas de ouro. (AMARAL, 2016)

A partir disso, durante o período da escravidão os escravos e escravas eram obrigados a trabalhar sob forte violência, castigos físicos e punições. Mesmo diante dessa realidade a qual foram submetidos, os escravos nunca aceitaram viver em situação de violência, maus tratos e humilhação. (AMARAL, 2016)

Além dessa situação no qual os escravos e escravas eram submetidos a condições desumanas de trabalhos, onde mulheres e homens, crianças estavam sendo explorados, maltratados das formas cruel e terrível. A partir disso, as mulheres negras escravas ao serem também exploradas elas sofriam abuso sexualmente pelos os próprios proprietários de escravos. Durante a escravidão as mulheres escravas trabalhavam nas fazendas, e praticavam os trabalhos de cozinheiras, arrumadeira faziam colheita, amas-de-leite e tinha um papel como mucamas tinham como obrigação e responsabilidades cuidarem de todos os trabalhos domésticos no qual as escravas eram submetidas. (SANTOS, 2019)

Diante disso, de acordo com Davis (2016), além de tratar a escrava dessa forma mais desumana, os senhores proprietários de escravos e escravas tratava o povo negro como mercaria instrumentos de mão-de obras lucrativas, no qual garantiam as força de trabalho dos proprietários. Os escravos não eram vistos com serem humano, mais sim são vistos como instrumentos poderiam ser vendidos e trocados.

Tanto o homem e as mulheres eram vistos como uma unidade de trabalho lucrativo para os proprietários de escravos. Assim como homens e mulheres e crianças trabalhavam nas lavouras do amanhecer ao pôr do sol, eram obrigados a trabalhar sob forte violência, castigos físicos e punições. No que dizia respeito do trabalho e a força produtividade totalmente baseado exploração é ameaças, as opressões das mulheres eram idênticas dos homens. (DAVIS, 2016)

Além disso, as mulheres negras escravas sofreram muito no período da escravidão, foram vítimas de abuso sexual, quando as escravas resistiam ao abuso sexual, sofriam violência física e psicológica entre outros maus-tratos bárbaros só poderia ser com as mulheres escravas. (DAVIS, 2016)

A partir disso, o proprietário tratava as mulheres escravas com muita rigidez, não existia separação sexo nesses momentos tão rigoroso, tanto homens e

mulheres sofriam da mesma forma. As escravas poderiam ser estupradas, exploradas, reprimidas, punidas, chicoteada e mutiladas. As escravas suportavam e enfrentavam a escravidão com o mesmo ardor que os homens. (DAVIS, 2016)

O estupro, na verdade era uma expressão ostensiva do domínio econômico do proprietário e do controle do feitor sobre as mulheres negras nas condições de trabalhadoras. Os abusos especialmente infligidos a elas facilitavam a cruel exploração econômica de seu trabalho. As exigências dessa exploração levavam os proprietários da mão de obra escravas a deixar de lado suas atitudes sexistas ortodoxas, exceto quando seus objetos era a repressão. (DAVIS, 2016, p. 26)

Diante dessa relação que abordamos das mulheres negras escravas durante a escravidão. Segundo Davis (2016) mencionar que os senhores proprietários de escravos, não consideravam as mulheres “mãe” de seus filhos, mais sim como instrumentos reprodução que garantiam o seu lucro e eram classificadas como animais que tinham como objetivo reproduzir e multiplicar pra gerar lucro para os proprietários.

As mulheres escravas quando estavam grávidas eram obrigadas a trabalhar nas lavouras, entre outros serviços obrigatórios. Mesmo estando nessa situação às mulheres escravas trabalhava junto com os seus filhos e no colo, as escravas se recusava deixá-lo sozinho, por isso as mulheres trabalhava com eles nas costas.

A partir disso, as escravas não tinham nenhum direito legal sobre seus próprios filhos e filhas, mesmos assim elas sabiam que seus filhos poderiam ser vendidos como mercadorias, “suas crianças poderiam ser vendidas e enviadas para longe, como bezerras separados das vacas”. (DAVIS, 2016 p. 26). Outros fatos são que as escravas não poderiam ser tratadas como “sexo frágil” ou donas de casa, muitas menos à provedora da família, tanto os homens e mulheres, crianças são tratados como escravos trabalhadores da casa grande e são mão-de-obra de trabalho lucrativo.

Em relação a isso, durante o período da escravidão os escravos e escravas, nunca desistiram de lutar pela sua liberdade, mesmo sendo escravizado e morando em uma senzala enfrentando muitas humilhações, maltratados, pelos próprios proprietários senhores e feitores. Com isso, como forma de resistência a escravidão muitos fugiu para os Quilombos, liderada por Zumbi dos Palmares, na Serra da

Barriga em Alagoas. Zumbi lutou pelo fim da escravidão e se tornou símbolo da liberdade dos negros. (NASCIMENTOS; MEDEIROS, 2010)

Diante disso, “durante os períodos colonial e imperial surgiram vários movimentos que queriam o fim da escravidão. Um desses foi o movimento abolicionista, que além de financiar a compra da carta de alforria de negros” (NASCIMENTOS; MEDEIROS, 2010, p.2). A partir disso ocorreram diversos debates pra decretar o fim da escravidão. Essas discussões foram entre a elite brasileira que não concordava com essa ideia oficializar o fim da escravidão. Diante desta situação os senhores proprietários sabiam com o decreto da Lei Áurea de 1888 que foi assinada pela princesa Isabel no dia 13 de maio, a partir dessa data a escravidão passou ser considerada um crime.

Por isso a elite brasileira não concordava com o fim da escravidão, por que quem produzia e fazia o lucro para os senhores eram os próprios escravos, por isso que a elite não concordou em oficializar o fim da escravidão e fazer dos escravos e escravas homens e mulheres livres, sendo assim buscou outra solução uma delas foi priorizar a classe branca, afirmando que os trabalhadores negros não iriam conseguir outros trabalhos que surgirem.

Deixando claro que os negros são inferiores, incapazes e são diferentes dos brancos, podemos analisar outros integrantes da elite já não pensava dessa forma assim como José Bonifácio e Joaquim Nabuco entre outros que concordaram com o fim da escravidão e passou a denunciar a elite brasileira sobre a escravidão. . (NASCIMENTOS; MEDEIROS, 2010)

Em relação a isso, após muitos debates, a escravidão foi aos poucos sendo abolida, o primeiro país a abolir a escravidão foi a Inglaterra, o Brasil foi o último nesse sentido. Na década de 1880 o movimento abolicionista teve o apoio de Joaquim Nabuco, José do Patrocínio e André Rebouças reforçando o pedido pelo fim da escravidão. Em 1845 e 1850 foi estabelecida a Lei Eusébio de Queirós que proibia o tráfico negreiro, em 1871 foi declarada a Lei do Ventre Livre, ou seja, todos os nascidos no Brasil eram livres, 1885 surgiu a lei como abolicionista. A Lei dos Sexagenários que declarou livres os escravos com mais de sessenta anos, e por fim em 13 de maio 1888 a Lei Áurea então, foi decretada pela regente princesa Isabel que oficializou o fim da escravidão no Brasil. (COSTA; AZEVEDO, 2016)

Segundo a Lei Áurea de 1888 que decretou o fim da escravidão oficializou a liberdade de homens e mulheres e crianças negras. Ao conquistar a liberdade não quis dizer que homens, mulheres e crianças negras não iriam enfrentar o racismo, preconceito, machismo e discriminação. Por tanto a luta ainda continua, mesmo depois de terem conquistado a liberdade, muitas mulheres negras e homens continuam lutando por igualdade.

Nascimentos e Medeiros (2010) abordam que com o decreto que oficializou o fim da escravidão, foram acontecendo muitas mudanças uma delas era que os negros e negras ex-escravos não permanecessem na fazenda, tiveram que sair e procurar outros lugares para morar, os ex-escravos ficaram sem saber pra onde ir, e como sobreviver. Os ex-escravos estavam vivenciando uma nova situação. Como a metade da elite não aceitou a decisão do decreto, também não quis que os negros continuassem trabalhando para eles nessa nova jornada de trabalho que estavam acontecendo. A elite brasileira deu preferência ao imigrante que estavam vindo da Europa.

A partir do final do século XIX, a mão de obra negra escrava passou a ser substituída progressivamente pela mão de obra branca imigrante decorrente de países europeus, como Alemanha, Espanha e Itália, dando forças assim à teoria do branqueamento, que incentivava massivamente a imigração europeia e excluía a mão de obra negra. COSTA; AZEVEDO, p. 2016)

Como mostra a citação acima de Costa e Azevedo (2016) com a lei Áurea que decretou o fim da escravidão no Brasil, com extinção do trabalho escravos, os senhores proprietários tiveram que se adaptar a mão de obrar de imigrantes que são os brancos, no qual os proprietários estariam substituindo os negros pelos brancos, sendo assim mais uma vez os negros sendo rejeitados, humilhados, substituídos por homens e mulheres de cor branca.

A escravidão moderna surgiu na década de XVI, foi a partir desse século que surgiu nova forma de exploração por parte do sistema capitalista, que foi a exploração da classe trabalhadora. (LOPES, 2017)

[...] as relações de produção entre o senhor e o escravo produziam, de um lado, um capitalista muito específico, para quem a sujeição do trabalho ao capital não estava principalmente baseada no monopólio dos meios de produção, mas no monopólio do próprio trabalho, transfigurado em renda capitalizada. (LOPES, 2017 p 2)

Diante disso, o modo de produção surge através dos meios de acumulação primitiva do sistema capitalista, é o próprio capitalismo que determina esse meio de produção, sendo que trabalhador não detém os meios de produção: ferramenta e o capital, o trabalhador (a) é a mercadoria e força de trabalho, adquirida no mercado pela venda força de trabalho tem seu valor de uso e valor de troca, capitalismo paga ao trabalhador (a) o salário através do qual se dará produção da força de trabalho. (LOPES, 2017)

Em relação a isso o capitalismo que se apropria da riqueza produzida pelos trabalhadores, os trabalhadores não usufruem das riquezas produzidas por eles. Essa relação se dá por base de exploração da força de trabalho começar pela jornada de trabalho que chega a extenuantes dezoito horas de trabalho, consumindo a capacidade física, mental e emocional do trabalhador.

2.2 Lutas e conquistas das mulheres negras brasileiras

A pesquisa tem como finalidade identificar o racismo contra as mulheres negras brasileira no mercado de trabalho. Percebe-se que as mulheres de cor são as que mais enfrentam diversos desafios e limitações pra ingressar no mercado de trabalho.

As mulheres negras têm enfrentado diariamente no Brasil, o preconceito, discriminação racial, a desigualdade racial e social e o machismo, são muitas destas pessoas negras que sofre discriminação devido a sua cor de pele ou etnia. No decorrer da pesquisa apresentar e refletir sobre o movimento feminista.

Diante disso, em pleno século XXI as mulheres negras ainda sofrem discriminação e preconceito na sociedade brasileira. Até mesmo perde a oportunidade por causa desse motivo. Sendo que foram desde a escravidão as mulheres lutaram pela sua liberdade e ainda permanecem lutando pela igualdade. Apesar de todas as lutas resistência, dificuldades que se encontraram e encontra as mulheres negras não desistiram de lutar pelo seu direito, e contra todas as práticas discriminatórias. (VARGAS; WAMBIER, 2016)

Em relação a isso, só demonstra o quanto o racismo está presente na sociedade brasileira, às mulheres continuam lutando contra a discriminação é a violência que suportaram desde escravidão até os dias de hoje, uma sociedade

preconceituosa e racista que tenta toda forma discriminar a mulher pela cor da pele. O fato que esse assunto ainda não foi plenamente superado pela população brasileira, pois, em diversas partes do Brasil ainda se presencia atitudes racistas. (VARGAS; WAMBIER, 2016)

A partir disso, o racismo é o preconceito que vem causando impacto na sociedade, “há quem pense que racismo diz respeito somente a ofensas e injúrias, sem perceber que vai muito mais além: consiste em um sistema de opressão que privilegia um grupo racial em detrimento de outro” (RIBEIRO, 2018, p. 48).

A partir disso, o racismo não é só chamar a pessoa de macaca, crioulas, neguinha, entre outros é um ato de discriminar a mulher pela cor da pele. Apresentando um exemplo exemplos: em uma entrevista de trabalho aonde se encontra a mulher branca e negra aonde a oportunidade de emprego pode ser privilegiada da pessoa branca do que da mulher negra, isso é preconceito é negar o direito da mulher negra.

Diante desse fato que apresentamos de Ribeiro (2018) o racismo vai além de ser apenas ofensas e nega direito, e um ato de discriminar e fazer divisão entre os indivíduos ou até mesmo uma atitude que separa a população branca por considerar superior a negra, gerando uma grande desigualdade racial e social.

Branco são mortos por serem brancos? São seguidos por seguranças em lojas? Qual é a cor da maioria dos atores e apresentadores de TV? Dos diretores de novelas? Da maioria dos universitários? Quem detém os meios de produção? Um jovem negro pode ser morto por sua cor? Posso não ser contratada por uma empresa porque sou negra? Posso ter mais dificuldades de acesso à universidade por ser negro? (RIBEIRO, 2018, p. 27)

Como mostra a citação acima de acordo com Ribeiro (2018) são as mulheres e homens de cor da pele negra que são o principal alvo de ataques de racismo, são muitas destas pessoas que enfrentam dificuldades pra inserir no mercado de trabalho, além disso, podemos perceber pessoas brancas tem mais facilidade ao acesso do que a mulher negra.

Diante dessa relação podemos identificar o acesso ao cargo dentro de uma empresa estão relacionadas nas diferenças de oportunidades que não são iguais, as mulheres de cor da pele clara são as maiorias que ocupam os cargos melhores, as mulheres cor da pele negra ainda são a maioria do trabalho doméstico.

Diante disso, por mais que as empresas têm suas exigências de que as mulheres e homens têm que ter qualificação ou experiência e estudos pra ingressar nos cargos. Mas tem também suas escolhas. As mulheres podem até ter experiência e competências, mais a sua cor da pele impedir exerce-lo o cargo tão desejado. Por isso, percebe-se que além das exigências das empresas são suas escolhas é muitas dessas escolhas se dá no âmbito da mulher branca do que da mulher negra deixando claro o racismo e o preconceito principalmente com as mulheres negra. (CINTRA; EVA, 2016)

A partir disso, mencionar o fato da mulher se inserir no mercado de trabalho dentro de uma empresa, não é somente ter qualificação profissional muito mais que isso. Os motivos que pode fazer com que a mulher negra não ocupa cargos melhores na empresa são a cor da sua pele, da textura e formato do se cabelo, se ele é crespo ou próximo ao liso, da grossura ou finura do seu nariz, se seu corpo e magra ou gorda, se sua cor está parecida mais do preto ou branco, se tem boa aparência.

Outros fatores que podem impossibilitar da mulher negra de entra uma empresa pra trabalha são quando pensar ser a mulher negra tem qualificação ou experiência que se enquadra no perfil da empresa. A presentamos algumas das dificuldades que as mulheres negras enfrentam pra entra em uma empresa pra trabalhar. (NOGUEIRA, 2017)

Ao estudar sobre as mulheres trabalhadoras e saber que elas enfrentam todas essas dificuldades expostas anteriormente pode-se imaginar que mulher negra sofre muito mais. Ao ir em busca de um emprego e decidir concorrer à uma vaga no mercado de trabalho, as mulheres negras sofrem desde o momento em que começam distribuir o curriculum nas empresas, quando são olhadas com um olhar diferente, quando escutam que não estão contratando no momento e em diversas outras situações nas quais o racismo se faz presente. (CINTRA; EVA 2016, p 10)

Em relação a isso fica claro o quanto a discriminação racial se faz presente em nossa sociedade brasileiro, podemos perceber pelas diferenças de oportunidades que não são iguais, ainda encontra a maioria das mulheres negras, especializada na colocação de empregadas domésticas, babás, lavadeiras, cozinheiras e arrumadeiras. Ainda são poucas mulheres negra brasileiras de acesso aos cargos como liderança, gerente dentro da empresa, até mesmo em nível

superior podemos observar são poucas mulheres negras que tem uma profissão como Assistente Social, Juiz, Médica Enfermeira, Professora, entre outras profissões.

O Boletim Anual Mulheres e Mercado de Trabalho (DIESSE, 2017) mostra que a maioria dos empregos são ocupados pelas mulheres de cor branca (78,69%), os que são ocupados pela população negra, parte são (5,6%). Isso mostra o quanto o Brasil é desigual, o quanto a desigualdade social e racial está presente no país. Brasil é marcado por suas diversas discriminação e desigualdades, sendo a população raça negra serem o principal alvo daqueles que enfrentam as maiores consequência da desigualdade racial e da injustiça no mercado de trabalho brasileiro.

Em relação a isso, os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, Contínua (Pnad Contínua), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE, (2020) apresenta que mais de 6,4 milhões de homens e mulheres brasileiros negros, se encontram desempregados entre o 1º e o 2º trimestre de 2020, perderam o emprego ou até mesmo deixam de procurar por várias dificuldades que são enfrentadas, além disso são os primeiros serem atingidos pelas taxas desemprego.

Além disso, as pessoas de cor branca que também se encontra nessa situação chegaram a 2,4 milhões de pessoas desempregadas, entre o 4º trimestre de 2019 e o 2º trimestre de 2020. Entre a população negra o número aumentou pra 7,4 milhões, e os não negros e não negras pouco se alterou pra 2,7 milhões de pessoa. Foram 8 milhões de população que perderam o emprego, o 1º e o 2º trimestre de 2020, 6,3 milhões de pessoas eram negros que se encontra desempregada, e 8,1 milhões negros e negras se encontram em situações vulnerável no país.

Diante disso, de acordo com dados Boletim Emprego em Pauta (DIESSE, 2018) apresenta sobre a diferença salarial, os homens brancos recebiam média mais alto (R\$ 1.637,00); as mulheres não negras recebem 31% menos que homens e as mulheres que são negras recebem menos que homens e mulheres brancos.

A maioria população que ocupam cargos inferiores trabalho desvalorizados são os que recebem o menor salários é população feminina 71,3% das mulheres que trabalham recebem apenas 2 salários mínimo, enquanto a população masculina recebe 55,1% que são predominantes ao homem que ocupam cargos melhores,

podemos perceber que os altos salários ainda são de homens brancos que recebem de 5 salários mínimo é 15,5%.

As mulheres ganham no total 9,2%, elas permanecem recebendo menos que os homens. Os dados apresentam uma desigualdade salarial, onde os homens brancos recebem salários de 1.102,5, enquanto a população feminina branca recebe 684,4, os homens negros recebem na faixa de 521,1, recebendo menor que os homens brancos e mulheres negra que ganha 342,5. (PINTO, 2016)

Diante dessa relação à desigualdade de renda nos revela duas diferenças. A primeira diferença salarial são os trabalhadores que possui maior nível de escolaridade e por ter qualificação profissional e ser mais experiente, passam receber maior remuneração. Sendo assim, tem mais facilidade de ingressa no mercado de trabalho.

A partir desta relação à segunda diferença e a desigualdade educacional preexistente em nossa sociedade, devido às dificuldades da maioria da população que são pessoas pobres e negros, tem maiores dificuldades de completar a escolarização, e possui menores chances de ingressa no mercado de trabalho. Outro fato é quando o mercado de trabalho discrimina o trabalhador quando possui produtividades iguais, dando como formas diferenciadas entre mulheres e homens e negros. (CASRO; STAMM, 2017)

O Brasil é um país que apresenta uma enorme diversidade de raça, cultura, porém marcado por grande discriminação e desigualdade racial e econômica e social, a população negra são a maioria que enfrentam diversas dificuldades pra se ingressa no mercado de trabalho, e quando consegue uma oportunidade de trabalho é salários baixos, carga horaria intensiva, tendo que fazer uma dupla jornada de trabalho, ou sendo obrigados a trabalhar três ou em mais serviços pra conseguir vencer as dificuldades que são enfrentadas nos dia a dia. (MATTEI; BAÇO 2017)

Ao analisar os desafios que são enfrentados pelas mulheres negra no mercado de trabalho, segundo (CASRO; STAMM 2017) nos traz uma reflexão de que tem maiores concentração de mulheres e homens negros no mercado de trabalho, mas ainda continua sendo poucos e precários ou vulneráveis, isso é resultado da desigualdade de raça e da discriminação pois muitos deles podem não ter sua ocupação no mercado devido a sua cor de pele.

Diante disso, quando abordamos diversos desafios e limitações que são enfrentadas por homens e mulheres e mulheres negra. Afirma a lei 5º da

Constituição da República Federativa de que todos são iguais, deve ser tratado igualmente, sem diferença. Por meio da Política Pública que garante o acesso eficaz das mulheres negras no mercado de trabalho, são medidas podem assegurar uma condição digna das cidadãs.

2.3 Mulheres negras brasileiras: histórias de lutas e conquistas

A pesquisa propõe refletir as dificuldades que as mulheres negras enfrentam diariamente pra se inserir no mercado de trabalho, são muitas destas pessoas negras que sofrem discriminação racial devido a sua cor de pele, além disso, são as mulheres negras que se encontra presente nos diferentes setores, mas com menor possibilidade de ascensão social. Ao analisar os desafios e as dificuldades podemos perceber que as mulheres negras ainda são as maiorias do trabalho doméstico, onde a sua luta contra o racismo, preconceito, violência é constantemente.

Nota-se que, segundo Valiati (2016) no Brasil o trabalho doméstico surgiu durante o período escravista tanto homens e mulheres e crianças eram obrigados a trabalhar e tinham como responsabilidade praticar todos os tipos de trabalhos no qual eram submetidos. As jornadas de trabalho durante a escravidão eram muito grande longa, em troca disso, os homens e mulheres escravos recebiam um lugar pra ficar, e recebiam restos de comidas dos senhores, além disso, não poderiam ficar doente de forma alguma.

Com isso a história das mulheres negras e fruto de evolução históricas de luta dor, persistência e resistência, foram às mulheres negras que sofreram historicamente como escravas, não tinha nenhum direito, sofreram na mão dos senhores eram pessoas brancas, viviam uma relação dominação e subordinação entre proprietários e escravas, tinham uma relação de pura exploração.

Os escravos e escravas tinham como responsabilidade praticar as tarefas do campo, como planta, colheita, servir de ama de leite, o trabalho feito dentro da casa grande, com empregada doméstica, mucamas, todos esses trabalhos eram realizados por homens e mulheres negras, naquele tempo eram consideradas uma desonra e desobediência quem não exerce os trabalhos no qual eram ordenados. O período da escravidão foi um tempo que ainda não se falavam em direito ou dignidade do ser humano, e não se tinha lei que poderiam garantir direito, sendo

assim permitiam livremente os proprietários explorar os escravos e escravas. (VALIATI; 2016)

Em relação isso, no período da escravidão, principalmente na década XIX os trabalhos domésticos eram das responsabilidades das mulheres escravas, as criadas que praticavam muitos trabalhos internos no qual eram designados. Onde as mulheres negras trabalhavam e praticavam diversas funções, como cozinheira, copeira, lavadeira e engomadeira, governanta, amas de criação, amas de leite.

Entretanto, foram “quase trezentos anos de escravidão deixaram sobre as costas das trabalhadoras domésticas um enorme fardo simbólico, que mesmo depois de sua abolição, se mantém” (NOGUEIRA, 2017, p. 3). A partir disso durante o período do Brasil Colônia, o trabalho doméstico pendurou por longos anos, mesmo com o decreto da Lei Áurea de 13 de maio de 1888 que aboliu a escravidão no Brasil, às mulheres ainda permanecem sendo a maioria do trabalho doméstico. Mesmo depois das mulheres negras terem conquistado a sua liberdade, perante a lei.

São as mulheres negras que ocupam cargos inferiores e desvalorizados, devido a pouca experiência, devido a dificuldades completar os estudos, as mulheres ainda permanecem fazendo os mesmos trabalhos que realizava durante o período de escravidão, sendo agora nesse novo modelo capitalista, o trabalho não é como no passado escravista, passou ser renumerado, por tanto homens e mulheres passaram a receber pelo seu trabalho.

Mesmo depois de libertas, as mulheres negras continuaram ocupando predominantemente o serviço doméstico, porque devido à escravidão, não tiveram outras oportunidades e acabaram seguindo o mesmo ramo de trabalho que realizavam quando escravas. Embora, esse trabalho fosse remunerado, não era o suficiente para garantir todas as suas necessidades. A relação entre senhores e escravos, no espaço doméstico, de acordo com o autor, sempre foi de dominação. (VARGAS; WAMBIER, 2016, p. 6)

Diante disso, durante o passado escravistas os afazeres domésticos eram cuidar do lar e dos filhos das sinhás, sendo que foram as mulheres escravas que amamentaram os filhos da sinhá. Foi período forte condicionante privado de estrutura patriarcal e hierarquia, durante todos esses períodos de escravidão, as relações eram entre senhores e escravos que são proprietários de escravos. No

tempo contemporâneo esse modelo pautava-se de dominação de classe, uma relação entre o patrão e empregada ou empregado. (PEREIRA, 2011)

Ao analisar sobre trabalho doméstico podemos notamos que as mulheres trabalhadoras no passado e agora no presente, ocupam o mesmo lugar, sendo que nos tempos modernos a relação é entre patrão e empregada, os trabalhos são praticados nos lares de pessoas de classe média, ser a empregada doméstica com obrigações de ser a cozinheira, babá, faxineira, copeira, lavadeira e engomadeira. São funções que podem ser também praticados em lojas, banco, shopping, restaurante, a trocadoras de ônibus, entre outros, esses são trabalho remunerada e a maioria que ocupam esse trabalho são mulheres negras baixa renda, tem estudos incompletos e são pobres. (GUIMARES; NEWTON, 2017)

Em toda a sua trajetória as mulheres negras são exemplo luta, resistência e persistência, sempre buscou pelo seu direito, direito de ser reconhecida, valorizada e respeitada. Além dos direitos e deveres que são reconhecidos por lei. Apesar das conquistas serem poucas, mas as mulheres conquistaram seu espaço no mercado de trabalho, mas não deixaram de enfrenta as atitudes discriminatórias.

Em relação a isso, a pesquisa apresentar algumas leis trabalhistas. As leis, com o Decreto Nº 3.724, de 15 de janeiro de 1919 foi promulgada a lei de proteção no trabalho, contra acidente e doenças no trabalho. A lei Nº 62 de junho de 1935 essa lei garante ao trabalhador e trabalhadora, assegura o empregado na industrias ou nos comércios, sejam um contrato de trabalho e quando for despedido sem justa causa, e dá outras providências. Com o Decreto da lei Nº 2.162, de 1º de maio de 1940, foi a criação do salário mínimo. Finalmente, no mês de maio ocorreu o a consolidação das leis trabalhistas CLT, no qual estariam dando os benefícios aos homens e mulheres terem carteira de trabalho assinada.

Percebe-se que, segundo Cintra (2016) mesmo com as leis regulamentadas, os trabalhadores permanecem na busca pelo seu direito e por melhores condições de vida, de salários, de trabalho.

Podemos observar que o trabalhador está submetido à jornada de trabalho intensa, sendo de acordo (CLT). De acordo com Constituição da república, art. 7º, inciso XIII apresenta os direitos dos trabalhadores, a duração do trabalho que o trabalhador tem de cumprir é oito horas diárias e quarenta e quatro semanais. Quando o empregador faz jornada além do que ele já cumpriu na empresa isso se torna exploração da classe trabalhadora, e afeta a saúde do trabalhador, caba sendo

um trabalho desgastante, estressante, cansativo, pode até causa doenças e acidente de trabalho.

Os trabalhos domésticos são representados por 6 milhões de mulheres no Brasil, que corresponde apenas 15% são inseridas, 10% são ocupadas por pessoas brancas e 18,6% das negras, em relação aos dados do IPEA que não só mostra a quantidades de mulheres que se contra dentro das vagas, mas como revelar que as mulheres negas são as maiorias nesta profissão, tendo este trabalho como uma única fonte de renda. (PINHEIRO; TOKARSKI; VASCONCELOS, 2020)

E notório que, na contratação pra trabalhar no serviço doméstico, quem ocupam essas vagas são mulheres negras e pobres com a escolaridade incompleta. São mulheres que estão presente nos serviços de baixa renda, e são as primeiras serem atingidas pelas taxas desemprego.

O trabalho doméstico no Brasil é um trabalho realizado majoritariamente por mulheres negras oriundas de famílias de baixa renda. Essa afirmação soaria coloquial não apenas em função da banalização que se faz da presença das mulheres no serviço doméstico, mas também pelo racismo estrutural que, em alguma medida, aprisiona os corpos de mulheres negras nas mesmas atividades realizadas na cozinha da casa grande durante o período de escravização. Ainda que comecem cada vez mais a ser veiculadas ideias como as de que “o lugar da mulher é onde ela quiser”, o que poderia parecer óbvio em sociedades menos segmentadas e desiguais em relação a gênero, o fato é que persistem barreiras que, por um lado, limitam a participação das mulheres em determinadas esferas. (PINHEIRO *et al*, 2019, p. 13)

Ao identificar a histórias das mulheres brasileiras, segundo Moura (2017) traz uma reflexão sobre as mulheres negras no mercado de trabalho, o autor abordar sobre os velhos paradigmas com se as mulheres nasceram pra casar ser dona do lar, lavar, passar e serem mães, a mulher tem a responsabilidade de cuidar dos filhos e do esposo. Como se tivesse criando uma cultura, de que as mulheres nascem com essas obrigações.

Com isso as mulheres abrem mão de ser apenas a dona do lar, e decidir ingressa no mercado de trabalho junto aos homens, por isso as mulheres brancas, pretas, pardas, enfrentam obstáculos pra entra no mercado de trabalho, mas com todas essas dificuldades as mulheres conquistaram o seu espaço no mercado de trabalho. Quando consegue a oportunidade de trabalho são obrigadas a batalharem para serem respeitadas, valorizadas no ambiente de trabalho, principalmente as

mulheres negras que enfrentam dificuldades ainda maiores pra conseguir ingressa no cargo e encontra bons empregos. Em relação a isso as mulheres brancas e negras permanecem sendo vítimas de comentários discriminatórios, e machistas, e aumenta cada vez mais o racismo e sexismo, o preconceito contra as mulheres.

Nesse sentido, o objetivo de a pesquisa verificar como preconceito tem influenciado na empregabilidade das mulheres, o que as mulheres brancas e negras têm enfrentado dentro das empresas. Sendo reconhecido por suas diversas discriminação e desigualdade racial e social.

(...) o mercado de trabalho tem-se tornado cada vez mais criterioso e crítico na hora de selecionar seus candidatos, porém quando se fala da mulher o dito "critério" torna-se um grande preconceito, sendo o quesito cor o auge do preconceito para as mulheres negras. (MOURA, 2017, p. 3)

E isso se tornar um preconceito e ignorância e promovem desumanização das mulheres, o preconceito é um ato de julgar a mulher pela cor, sem a menos dando a oportunidade de conhecer, entende-se que o preconceito também pode estar relacionado a divisão entre determinado grupo, separando ou seja inferiorizando e marginalizando, provocando diretamente a exclusão entre o determinado grupo.

No entanto, enquanto as mulheres brancas estavam lutando por direito ao voto pela educação, de poder trabalhar as mulheres negras estavam lutando pra ser reconhecida como pessoas e valorizada, continua lutando. Essas conquistas aconteceram através da abolicionista e feminista Nísia Floresta, que deu voz a esse movimento feminista, desde ano de 1850 no Brasil. (AMARAL, 2006)

Diante disso, devido às mudanças que foram acontecendo aos longos dos anos, podemos perceber a mulher passou a ser mais independente, deixou o papel de ser apenas a cuidadora e passou a trabalhar fora de casa junto aos homens. Trazendo uma pequena reflexão do passado patriarcal onde a mulher não tinha o direito de trabalhar, tinha com responsabilidade cuidar da família, no qual as mulheres deviam obediência ao seu marido, no quais considerava seus donos. Desse modo somente nos anos de 1990 que as mulheres conquistaram uma redefinição de papeis e identidade feminina e masculina, essas mudanças aconteceram devido ao trabalho. (COSTA; ANDROSIO, 2010)

Ao compreender sobre as mudanças que vem acontecendo na vida da mulher tanto pessoal como profissional, a pesquisa nos levar a discutir sobre a

desigualdade educacional e diferenças. A primeira diferença que podemos abordar é o trabalhador que tem nível de escolaridade completo e experiência. Essa mulher tem mais facilidade de entrar no mercado de trabalho do que a mulher que enfrenta dificuldade de completar os seus estudos. Mas as mulheres brancas, parda, negras têm procurado estudar para melhorar o seu currículo para ter mais facilidade de entrar no mercado de trabalho. A segunda é a mulher que tem mais escolarização, com tendo ensino fundamental, médio e superior completo, aumenta a participação dessa mulher na carreira e profissões dando direito dessa mulher ter melhores cargos dentro da empresa.

[...] argumentam que a desigualdade de raça no mercado de trabalho estava associada ao acesso diferenciado a ocupações devido à cor da pele. Esse diferencial de inserção nas ocupações no mercado de trabalho é chamado de segregação ocupacional. A segregação ocupacional faz com os grupos se concentrem em tipos diferentes e desiguais de profissões, portanto, a segregação ocupacional no mercado de trabalho permite atribuir aos indivíduos funções diferentes, o que facilita tratá-los desigualmente. (CASTRO; STAMM, 2017 p 7)

Como demonstrado acima, podemos analisar as condições de acesso ao cargo nas empresas para mulheres brancas e negras estão relacionadas nas diferenças de oportunidades que não são iguais, as mulheres brancas que tem mais oportunidades de estudar, tem mais facilidade, as mulheres negras devido a poucas qualificações profissionais ela tem menos oportunidade.

3 MULHERES NEGRAS E MERCADO DE TRABALHO: UMA REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA

3.1 Metodologia executada

Com relação a estruturas desta pesquisa que se trata de uma revisão narrativa de literatura (RNL) é a base para a redação científica. E na revisão que a pesquisadora (a) busca conteúdo que já foram publicados por outros autores que vem escrevendo sobre o assunto que está sendo pesquisado. Na revisão narrativa é selecionar os artigos relevantes que tratam sobre o assunto e onde a pesquisadora faz um resumo das obras selecionadas e apresenta os resultados como: o que eles têm em comum, o que os autores discutem, quais são as conclusões apresentadas pelos autores, as suas sugestões, suas conclusões, os conceitos definidos pelos autores. A revisão de literatura narrativa é tudo isso, e um marco teórico quando você busca informações e respostas através de obra de outros autores que já foram publicados.

Desse modo, Segundo Ferenhof e Fernandes (2016) mencionar que na revisão de literatura também serve para conhecer a sua diversidade interpretativa acerca dos assuntos que está sendo apresentado. Parte-se dela ampliação, ramificar, construir, sintetiza, moldar, isso tudo é uma estrutura onde a pesquisadora (a) vai colocar o seu conhecimento e suas interpretações argumentativas criando uma coerência de informações que são aplicadas através de outros autor.

A partir disso, que existem outras formas de revisão de literatura que são narrativas, sistemática e integrativa. A revisão que estamos abordando é a revisão narrativa de literatura do artigo do autor Ferenhof e Fernandes (2016). Está trazendo uma reflexão sobre a revisão narrativa é comiserada uma revisão tradicional ou exploratória, onde o pesquisador pode realiza diversa pesquisa bibliográfica, de acordo com a temática que está sendo pesquisado, não há preocupação em esgotar as fontes de informação. A forma como se faz a coleta de dados que são os documentos pesquisados pra usar na pesquisa, poder ser buscado de forma exploratória ou sistemática.

Nesse sentido, a pesquisa adotou de cunho bibliográfico exploratória foram realizadas diversas pesquisas bibliográficas, a partir de levantamentos de referência teóricos metodológicas. Foram pesquisados através de autores, livros e artigos.

Autores que abordam sobre esse assunto mulheres negras no mercado de trabalho brasileiro. Para a realização desta temática a pesquisa adotou de cunho quantitativo é baseada por método estatístico e por meio de coleta de dados estatístico. Sendo desta forma para uma melhor compreensão das informações que foram analisados para construção da pesquisa

Diante disso, esta revisão narrativa de literatura buscou compreender quais são os principais desafios e dificuldades que as mulheres negras enfrentam pra entra no mercado de trabalho? Pra responder à questão norteadora foram realiza pesquisa bibliográfica em livros e artigos, autores que discutem essa temática, pra isso foi necessário pesquisa em Google Acadêmico, e na biblioteca Scielo. Capes Periódicos, Biblioteca Digital de teses e dissertações.

Em relação a isso, a pesquisador buscou levantamentos de dados nos últimos 10 anos, buscamos artigos nos tempos mais avançado até os tempos atuais que estamos abordando e 2020, é o ano em que estamos fazendo a pesquisa é o TCC Trabalho de Conclusão de Curso, buscamos pesquisar artigos de autores que abordam sobre o assunto que estamos discutindo.

Ao realiza diversas pesquisas bibliográficas em livro, revista, artigo, acerca do assunto mulheres negras no mercado de trabalho brasileiro. Após as leituras feitas surgiu um grande interesse em conhecer e discutir o assunto. O que me fez pesquisar sobre essa temática é que as lutas das mulheres negras não vêm de agora, mas sim de anos de lutas e resistência foi durante o período da escravidão que as mulheres enfrentaram muitos momentos difícil. Ainda nos tempos modernos as mulheres enfrentam diversas dificuldades pra ingressa no mercado de trabalho.

Diante dos argumentos que foram apresentados da pesquisa que está sendo construída através de artigos de outros autores que abordaram esse assunto mulheres negra no mercado de trabalho brasileiro. A revisão de literatura da presente pesquisa foi estruturada em capítulos onde está sendo tratados os assuntos necessários para o embasamento teórico da pesquisa.

3.2 Resultados

Desse modo, Segundo Duarte (2019) aborda que o acesso ao mercado de trabalho entre mulheres negras e brancas podem estar relacionadas às diferenças de oportunidade na educação as mulheres que se dedicaram os seus estudos tendo

o ensino médio completo e superior, essa mulher sendo ela branca ou negra vai ter mais chance ingressa no mercado de trabalho. Já as mulheres que ainda enfrentam dificuldade de concluir seus estudos, são as mais vão ter dificuldades de ingressa no mercado de trabalho. As empresas tem sua exigência de selecionar homens e mulheres, branco, preto, parto pessoas que tem qualificação e experiência e estudo pra ingressa no cargo. Com essas dificuldades percebemos que ainda são poucas mulheres negras que conseguiu alcança determinado cargo dentro da empresa como gerente, liderança dentro da empresa entre outros.

Diante disso fica claro o racismo e a discriminação racial contra as mulheres negras na sociedade brasileira é nas empresas, podemos perceber pelas diferenças de oportunidades de trabalho entre mulheres brancas e negras, as mulheres que ocupam os cargos bem pagos com lideranças ou chefe, gerente são predominantemente mulheres brancas ou homens brancos, as que estão presente nos serviços baixa renda são as mulheres negras aonde a maioria trabalham como doméstica ou faxineira, as mulheres negra ganham menos da metade dos salários do que a mulheres brancas e homens brancos.

Questões sobre políticas públicas voltadas para as desigualdades raciais no mercado de trabalho continuam sem respostas. Diante disso têm surgido diversas propostas de todas as formas para colocar um fim nesse problema. Mas enquanto não se encontra uma solução, não é possível afirmar com exatidão o nível dessa desigualdade e como está sendo a sua evolução ao longo dos últimos anos. (DUARTE, 2019, p. 11)

Com as conquistas do movimento feministas e sociais, Políticas Públicas e Leis, não foram o bastante para garantir a igualdade de direitos das mulheres negras no Brasil, pois ainda hoje elas ocupam a maioria dos empregos domésticos, onde sua luta contra o preconceito, racismo, violência é constantemente. A mulher pode até ter experiência é competência para exercê-lo o cargo, mas por ser negra é excluída. Apesar de todas as dificuldades e desafios que as mulheres negras encontraram e encontram, não desistiram de luta, contínua buscando o seu direito e pela igualdade no país.

A partir disso, que a nossa história é marcada pela discriminação racial e social, por isso que houve necessidade de desenvolver políticas específicas para os negros, afirma na lei no decreto nº 4.886, de 20 de novembro de (2003), institui a

Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial – (PNPIR), tem como objetivo promover a igualdade raça e etnia e combater às desigualdades de forma intolerância étnico racial. As políticas públicas permitam a inclusão efetiva e eficaz sem discriminação da mulher negra no mercado trabalho. São medidas podem assegura uma condição digna das mulheres mediante as situações degradantes que as mulheres negras eram e ainda são submetidas

Diante disso, Lei Nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. O Presidência de República, faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei: “Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de preconceitos de raça ou de cor.”

Por isso, é garantido por lei Afirma o artigo 5º da Constituição Da República Federativa “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes”. (CF. 1988), por mais que a lei diz “somos todos iguais” em um país onde mulheres e homens lutam pra conquistar seus direitos e sempre enfrentando a desigualdade social no Brasil.

Mulheres sempre tendo de enfrentar inúmeras dificuldades pra ingressa no mercado de trabalho, onde a mulher poder perder oportunidade por ter cor da pele escura, a sua aparência pode ser também grande impossibilidade, o cabelo, entre outros. Não podemos dizer somos todos iguais, se o acesso a oportunidades de trabalha não são iguais pra toda mulheres brancas e negras, por isso se faz necessário que lute contra a discriminação racial e o preconceito é constante na sociedade brasileira.

Ainda nas palavras de Duarte (2019) mencionar que houver um crescimento da participação da mulher negra no mercado de trabalho, a mulher que tem mais possibilidade de ter o acesso à educação tem mais oportunidade de ingressa no mercado e receber melhores salários, pois a mulher tem experiência e qualificação. Sendo assim o autor destaca-se que as mulheres que ocupam os melhores cargos e recebem os melhores salários são as mulheres Brancas, parda, as mulheres que se encontram presente nos serviços de baixa renda são as mulheres negras onde a maioria destas mulheres trabalha como doméstica, faxineira, e recebem menos.

Além dessa situação muitas mulheres negras que trabalham como doméstica e faxineira, não são respeitadas e valorizadas dentro do seu ambiente de trabalho.

As dificuldades do jovem negro ao se inserir no mercado de trabalho vão muito além daquelas enfrentadas pelo jovem branco. A inserção precoce do negro demonstra as dificuldades financeiras enfrentadas pelas famílias, que necessitam de seu salário para complementar a renda familiar. Além disso, nos mostra que os jovens negros enfrentam grandes dificuldades para se dedicarem aos estudos conciliando com o trabalho, o que reduz a oportunidade de uma maior qualificação e, conseqüentemente, almejar melhores posições de cargos e salários. (DUARTE, 2019, p. 11)

Segundo Duarte (2019) como mostra o trecho acima, o quanto uma mulher e homens negros brasileiros, tem que enfrentar diversas dificuldades pra conseguir uma oportunidade de emprego, com essas dificuldades muitas mulheres negras não conseguir conciliar trabalho e estudar, tendo como única opção trabalhar, pois necessitam dos salários pra ajudar a familiar. Com todas as dificuldades e obstáculos que as mulheres negras encontraram e encontram, não desistiram de lutar pelo seu direito de conquistar o seu espaço no mercado de trabalho.

Nas palavras de Rodrigues (2019) Abordar que as mulheres por muitos anos eram destinadas aos trabalhos domésticos como cuidar da casa, dos filhos e esposo, a mulher naturalmente sendo sustentada pelo homem. As famílias eram reconhecidas como modelo nuclear, onde pai tinha o compromisso de ser provedor e a mãe cuidadora do lar, mostra o quanto a concepção família vem sendo pensada e aperfeiçoada de acordo época.

Nos tempos hoje a mulher pode escolher se quer trabalhar ou não, a mulher se tornou independente, passou a serem donas da sua própria casa, de seus objetos e principalmente da sua própria via. As mulheres conquistaram a oportunidade de inserir no setor público e começa a lutar e reivindicar pelos seus direitos. Com o passar dos anos as mulheres foram se descobrindo que além ser mães donas de casa, elas poderiam também trabalhar fora e ter uma profissão, rompendo com os paradigmas que a mulher nasceu apenas pra casar e serem donas do lar, analisamos com passar dos anos as mulheres vem rompendo com esses paradigmas culturais e preconceituosos. (RODRIGUES, 2019)

Atualmente a participação das mulheres tem crescido no mercado de trabalho, seja ela branca, negra, parda todas ela tem conquistado o seu espaço no

mercado de trabalho. Nota-se que a maioria dos cargos é ocupada por mulheres, elas têm crescido e se destacando cada vez mais. Além disso, nos tempos de hoje as mulheres tem as mesmas profissões que homem, as mulheres tem crescido, se destacando cada vez mais no mercado de trabalho, apesar de elas ainda ser alvo de racismo e preconceito. (RODRIGUES, 2019)

Entretanto, nas palavras de Cintra (2016) muitas mulheres trabalhadoras negras e brancas são mãe e chefes de suas famílias, tendo como obrigação cuidar da sua família e tendo que trabalhar fora, muitas vezes tendo que escolher entre estudar e trabalhar. As mulheres continuam na busca por melhores condições de vida, mesmo com todas essas dificuldades tem procurado estudar para melhorar o curriculum e ter facilidade inserir no mercado trabalho. Tendo como objetivo obter conhecimento pra alcança determinados cargos dentro da empresa, e poder ter melhores salários, melhores cargos na empresa. Tendo o Direito ao respeito, autonomia e diversos outros benefícios que o estudo possa lhes oferecer como liberdade e independência financeira.

Em relação a isso, Cintra (2016) também afirmar que as conquistas ainda prevalecerem sendo das mulheres brancas e homens brancos, isso demonstra o quanto as oportunidades não são iguais. Por isso se faz necessário que lute contra o racismo, preconceito e a discriminação, isso só revela o quanto o racismo está presente na sociedade brasileira.

De acordo com Moura (2018) traz também uma reflexão em relação ao assunto que estamos discutindo, a autora mencionar “que mesmo sendo todos iguais em nossas origens ainda existem indivíduos que se consideram superiores uns aos outros mesmos sendo todos da espécie humana”. (MOURA, 2018 p 5). Exatamente, racismo e um sistema de opressão vai além ser apenas ofensas e nega direito, e um ato de discriminar a pessoa pela cor da pele, e fazer divisão entre as pessoas considerando um superior ao outros provocando diretamente a exclusão entre pessoas.

Ao abordar sobre o racismo nos faz lembrando que as mulheres negras são as principais alvo de ataques de atitudes discriminatórias, além das mulheres negras enfrentarem o racismo a discriminação e o preconceito pelo simples motivo cor da pele. São as mulheres negras que luta diariamente pra ser reconhecida, respeitada, valorizada, ainda tendo que luta pela igualdade e melhores condições de vida.

Nota-se em uma sociedade moderna atual ainda se vê mulheres ocupando cargos desvalorizados, mulheres recebendo menos que os homens, sendo que os cargos mais altos destinados às pessoas têm estudos completo ou ensino superior completo, ou outro motivo os cargos destinados predominantes pessoas com outra tonalidade de pele são pessoas brancas, as mulheres negras ainda se encontram presente nos serviços baixa renda. A mulher negra pode até ter a experiência e qualificação profissional pra exercer os cargos, mas por causa da sua cor de pele impossibilitar de exercer o cargo, ainda são poucas mulheres negras com cargos de gerente, e liderança dentro da empresa.

Percebe-se que o preconceito contra a mulher negra no mercado de trabalho ora é escancarado, ora é maquiado, sendo assim nem ela mesmo sabe quando é alvo desse preconceito e quando estará sendo julgada pelos outros devido sua cor. Numa agência de empregos, especializada na colocação de empregadas domésticas, babás, lavadeiras, cozinheiras, e arrumadeiras, uma ilustração com a figura de uma mulher negra, uniformizada e com uma bandeja de café na mão, reforça a posição do negro (homem, mulher) no mercado de trabalho.(MOURA, 2018 p 7)

Todos esses preconceitos contra a mulher negra e descendente de seu passado, a história das mulheres negras é fruto de uma evolução histórica de luta é persistência da resistência, foram às mulheres negras que sofreram historicamente como escrava.

Após abolição as mulheres se tornaram livres, mas isso não quer dizer elas seriam aceitas na sociedade. As mulheres continuam lutando contra a discriminação e a violência que suportaram desde escravidão até dias hoje, ainda na sociedade presencia atitudes racistas, preconceituosas que tenta todas as formas discriminar a mulher pela cor de sua pele. Isso mostra que esse assunto ainda não foi plenamente superado pela população brasileira, pois diversas partes do Brasil ainda se prezenciam atitudes racistas.

3.3 Discussão

De acordo com Duarte (2019) que abordou as dificuldades que a maioria das mulheres negras brasileiras enfrenta pra se inserir no mercado de trabalho, assim como Macedo e Chaves concorda ao dizer que o acesso ao mercado de trabalho

está fortemente relacionado ao nível de escolaridade, as mulheres que tem o ensino médio completo ou ensino superior completo ela tem mais oportunidade ingressa no mercado de trabalho, por causa da sua qualificação profissional. Além disso, o Macedo e Chaves também traz outra observação que foi mencionada por Duarte, que as mulheres negras se encontram a maioria em cargos de menor renumeração, recebendo menores salários, apesar disso muitas destas pessoas que são negras estão presentes nos diferentes setores, com menor possibilidade de acesso social.

Entende-se que, por mais que as empresas têm suas exigências de contratar trabalhadoras (a) com experiência e qualificação profissional pra se inserir no cargo, mais também tem suas escolhas, muitas destas escolhas são predominantemente as brancas ou as mulheres de pele mais clara. Conforme estamos analisando nota-se que dentro de agência de empregos, mulheres negras, especializada na colocação de empregadas domésticas, babás, lavadeiras, cozinheiras e arrumadeiras. Ainda se encontram a maior parte das mulheres nesse cargo.

Exatamente isso que, estão discutindo que além existir os desafios e as limitações que dificultam o acesso das mulheres no mercado, que também “o fato de que existe uma desigualdade de distribuição de cargos nas empresas que precisa ser combatido. É essencial ter mais representatividade feminina e negra em diversas esferas sociais”. (MACEDO; CHAVES, 2019, p. 5). São as mulheres negras que enfrentam a desigualdade, o racismo, preconceito e discriminação, os motivos que levar as mulheres enfrentarem tudo isso e a cor da sua pele, o seu cabelo e o corpo, por achar que a mulher negra não tem boa aparência, ou quando pesar que a mulher negra não tem competência e experiência pra exercer o cargo que se enquadra no perfil da empresa.

Segundo os autores Duarte e Cintra que mencionaram sobre as conquistas das mulheres negras, muitas dessas conquistas ainda se dá no âmbito das mulheres brancas, sendo desta forma segundo Alencar, Ifadire e Bitu (2020) confirma que no mercado de trabalho ainda encontram poucas mulheres com cargos privilegiados como área da saúde, médico, em área jurídica e legislativo. Os autores observaram que apenas 13 mulheres negras ocupam lugares na política, isso mostra o quanto ser mulher negra no Brasil é um desafio e uma luta constantemente por seu direito e conquistas.

Em concordância com que os autores estão discutindo nota-se algumas empresas dão preferências às candidatas que possuem característica de “boa

aparência”, branca de cabelo liso, magra. Entre outras. “Desta forma, a questão da boa aparência, exigência do mundo do trabalho para as mulheres em geral, tem significado devastador na trajetória de trabalhadoras negras, já que o modelo de boa aparência é basicamente eurocêntrico”. (ALENCAR, IFADIRE; BITU 2020, p. 8)

Exatamente, nas palavras de Alencar, Ifadire e Bitu (2020), com essas exigências de “boa aparência” as mulheres negras por ter cor da pele escura, cabelo crespo. A partir desse motivo algumas empresas acha que a mulher negra não tem boa aparência pra se inserir na vaga, com isso as mulheres negras passam a ser excluída de alguns setores ou muitas vezes não conseguiu oportunidade de trabalho por causa da sua característica física, e quando conseguem são trabalhos domésticos ou faxineiras. As mulheres ainda enfrentam diversas atitudes discriminatórias.

Em relação a isso, que analisamos as mulheres negras é a maioria que enfrenta as maiores dificuldades para se ingressar no mercado de trabalho, os motivos são em razão da cor da sua pele, da textura e formato do seu cabelo e corpo, por acha que a mulher negra não tem boa aparência, outros fatores que podem impossibilitar da mulher negra de entrar numa empresa pra trabalhar são quando pensam que a mulher negra tem qualificação ou experiência que se enquadra no perfil da empresa.

Nota-se que, quanto maior é o cargo de liderança ou chefia, maior é a dificuldade de as mulheres negras terem acesso, sendo assim deixando bem claro a existência do racismo e o preconceito contra as mulheres negras, por esse motivo que abordamos muitas mulheres negras não conseguem vagas em algumas empresas, por diversos fatores, conforme mencionamos no decorrer da pesquisa a mulher pode até ter experiência pra exercê-lo o cargo, mas a sua cor pode ser grande impedimento e limitações diárias.

De acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) e do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) que revelam o quanto desigualdade existe entre negros e brancos, identificamos que os negros representam 75,2% da população menos ganha e são apenas 7,7% dos 10% da população que tem oportunidade e registro pelo instituto.

Segundo Rodrigues (2019) que abordou sobre as transformações da mulher na sociedade por longos anos a mulher era destinada apenas ao trabalho doméstico e cuidar da família, como se a mulher nasce apenas pra isso, por isso muitas mulheres ainda enfrentam o machismo e preconceito por causa dessas atitudes.

Segundo Alencar, Ifadire e Bitu (2020) que concordam com a posição que Rodrigues destacou que as mulheres na sociedade brasileira têm se transformado, vem conquistando o seu lugar no mercado de trabalho.

Nos tempos de hoje podemos encontra-las em diferentes setores, principalmente aquelas áreas que era apenas destinado pra homens, apenas homens praticavam essas profissões, nos tempos de hoje podemos ver mulheres exercendo carreiras de engenharia, mecânica, carreiras de policiais entre outras. As mulheres brancas, negras, parda conquistaram e continua conquistando seu direito e pela igualdade, no mercado de trabalho, apesar delas ainda enfrenta diversa discriminação não desistiram de lutar.

De acordo com Duarte, Cintra, Rodrigues e Moura que apresentam uma discursão sobre as dificuldades que as mulheres negras enfrentam pra conseguir uma oportunidade de emprego, cada um dos autores mencionados abordaram um pouquinho dos motivos que levam as mulheres negras enfrentar diariamente tantos obstáculos, sendo assim, segundo Junior e Silva concordam com os autores, e mencionar que “o preconceito se inicia desde quando decidem concorrer a uma vaga de emprego, quando são olhadas de uma maneira diferente até mesmo ao distribuir seu currículo nas empresas e ouvem que não estão contratando” (JUNIOR; SILVA, 2019, p. 11). Diante disso fica claro o racismo e o preconceito contra mulheres negras, podemos perceber por diversas formas, quando são tratadas como “diferentes”, pelas atitudes, as oportunidades de emprego não são iguais.

Desse modo, segundo Moura (2018) mencionou os diversos desafios que as mulheres negras enfrentam diariamente, pelo simples motivo cor da pele, exatamente e o que faria vem abordando que as mulheres enfrentam o machismo, preconceito, racismo e principalmente a falta de oportunidades na área educacional. Segundo Faria ainda são poucas mulheres e jovens negras que consegue ter acesso ao ensino médio e superior de qualidade.

Por diversos motivos a mulher negra não conseguir manter os seus estudos abre mão de estudar pra trabalhar, outros motivos são muitas acabam sendo exploradas na área trabalhista, isso faz com que algumas mulheres tenham que tomar decisões. Isso pode dificultar dessa mulher conseguir entrar no mercado, por não ter os estudos e experiência e qualificação profissional pra exercer no cargo. Tem mulheres que tem experiência e qualificação profissional, mas muitas das vezes não consegue a vaga por causa da sua cor da pele, acabam excluído e

discriminando as mulheres negras por causa da sua cor de pele. Por isso se faz necessário que lute contra a discriminação racial e preconceito e constantemente na sociedade brasileira. (FARIA et al, 2019)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve como objetivo principal identificar o racismo, preconceito, desigualdade salarial que as mulheres negras enfrentam na sociedade brasileira. A pesquisa também abordava os desafios e as dificuldades que homens e mulheres negros enfrentaram e enfrentam pra conseguir uma oportunidade de ingressa no mercado de trabalho. Diante do que foi discutido nos permitiu compreender e conhecer trajetórias históricas das mulheres negras durante o período de escravidão, ao estudamos todos os processos as mulheres passaram na escravidão, percebemos que todas as dificuldades que negros e negras enfrentaram e enfrentam não são recentes todos esses obstáculos e empecilhos vem de uma longa jornada que foi o período escravistas.

Nota-se que a pesquisa foi organizada em um referencial teórico bibliográfico onde foi apresentado no primeiro capítulo a histórias das mulheres negras brasileira, ao estudar a histórias das mulheres negras constatamos que nesse período homens e mulheres, crianças já enfrentavam situações de humilhação à desvalorização, o machismo, as diversas formas de violências e principalmente o racismo e preconceito. Mesmo diante de um passado de muita dor resistência as mulheres e homens conquistaram sua liberdade de expressão seu direito rir e vir, mas ainda continua sendo alvo do de atitudes discriminatória e não aceitação. Diante disso observa-se que esse assunto ainda não foi completamente superado pela população brasileira, pois diversa parte do Brasil ainda se presencia atitudes racistas.

Desse modo, já no segundo capítulo buscamos tratar das dificuldades que as mulheres negras enfrentam pra conseguir se inserir no mercado de trabalho. Diante do que foi mencionado analisamos que tanto os homens e as mulheres ainda enfrentam o racismo e preconceito. Notamos que todos os obstáculos enfrentados e justamente por causa da sua cor de pele, textura e formato do seu cabelo, perceberam que as mulheres perdem a oportunidade exatamente por isso, isso nada mais é que a discriminação racial que ainda permanecer na sociedade, e em algumas empresas. Com a pesquisa podemos compreender mesmo estando no tempo moderno as mulheres não deixaram de enfrentar o racismo, enfrentam até pior, podemos perceber mulheres morrendo de forma violenta no Brasil, por diversos motivos, a chance de uma pessoa negra morrer e bem maior a mulher não-negra.

Como a pesquisa foi desenvolvida foi realizada diversa pesquisa bibliográfica, acerca destes assuntos mulheres negras no mercado de trabalho brasileiro. Para a realização desta temática foram explicados por meio de artigo, livros de autores que já escreveram sobre essa temática.

Consideramos que o objetivo desta pesquisa foi alcançado diante da pesquisa de procedimento metodológico bibliográfico aonde foram encontramos as respostas através dos artigos e livros de autores que já abordaram esse assunto. Foi constatado que as mulheres ainda enfrentam o racismo e preconceito.

Notamos que são as mulheres negra que enfrentam atitudes discriminatórias, são as mulheres negras que diariamente ouvir piadinhas sobre sua cor, seu cabelo, são as mulheres negra que são a maioria do trabalho doméstico ou faxineira, além disso, são elas que ainda encontram dentro das empresas em setores diferentes, são ela que são tratadas como “diferente”, são as mulheres negras que sofrem quando escoltam pra se inserir no mercado tem boa aparecias. Constatamos que algumas empresas dão preferências às candidatas que possuem característica branca de cabelo liso. Diante desse fato a mulher negra por achar que sua cor não é legal que seu cabelo não se encontra dentro de padrão determinado pelas empresas.

Por causas dessas atitudes discriminatórias muitas mulheres desistam de procurar emprego, por achar que negra nasceu pra ser empregada doméstica ou faxineira. Quando não e isso, as mulheres enfrentam a desigualdade salarial e social. O que foi percebido que as mulheres com toda luta têm conquistado o seu espaço no mercado de trabalho. Isso demonstra que a cor da pele não pode ser comparada se essa mulher tem competência, experiência ou responsabilidade pra exercer o cargo.

Por muito avaliar desta forma são poucas mulheres negras com cargo de liderança, secretária, diretora, muitas ainda são encontradas nesse cargo como faxineira cantineiras e merendeiras e trabalhos doméstica, por ser poucas mulheres com ensinos médios. Diante disso são poucas mulheres que tem uma profissão como médica, juíza, advogada, Assistente Social, professor entre outros cargos. Essas foram as respostas que encontramos no decorrer da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Sharyse Piroupo. **História do negro no Brasil**. 2011. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/ceao-ufba/20170829034517/pdf_242.pdf Acesso em março de 2021

IPEA. **ATLAS Da Violência 2020**. Brasília: IPEA, 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/downloads/5983dashboardversaofinal.pdf> p 1. Acesso em março 2021

ALENCAR, Yohana Maria Monteiro Augusto; IFADIREÓ, Miguel Melo; BITU, Vanessa de Carvalho Nilo. "Quando a cor da pele é empecilho para a gestão organizacional": Uma revisão de literatura sobre mulheres negras no mercado de trabalho. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 5, p. 29517-29532, 2020..

BRASIL. **CONSTITUIÇÃO FEDERAL**, Capítulo I Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos (Art. 5º). Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_15.12.2016/art_5_.asp. Acesso em: maio de 2021

BRASIL. Institui a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial - PNPIR e dá outras providências. **DECRETO Nº 4.886**, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2003. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2003/decreto-4886-20-novembro-2003-497663-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Institui%20a%20Pol%C3%ADtica%20Nacional%20de,Pnpir%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A2ncias.&text=3%C2%BA%20A%20Secretaria%20Especial%20de,necess%C3%A1rias%20%C3%A0%20implementa%C3%A7%C3%A3o%20da%20PNPIR>. Acesso em maio de 2021

CINTRA, Soraia Veloso; EVA, Wilianny Soares. **A inserção da mulher no mercado de trabalho: uma reflexão sobre raça e gênero**. Disponível em: <https://www.docsity.com/pt/a-insercao-da-mulher-no-mercado-de-trabalho-uma-reflexao-sobre-raca-e-genero/5102307/> Acesso em: março de 2021

COSTA, Iria H.; ANDROSIO, Valéria O. **As transformações do papel da mulher na contemporaneidade**. SD UNIVALE. Disponível em: <http://www.pergamum.univale.br/pergamum/tcc/Astransformacoesdopapeldamulhernacontemporaneidade.pdf>. Acesso em abril de 2020

COSTA, Duane Brasil; AZEVEDO, Uly Castro de. Das senzalas às favelas: por onde vive a população negra brasileira. **Socializando• ISSN**, p. 2358-5161, 2016. Disponível em: https://www.fvj.br/revista/wp-content/uploads/2016/07/Socializando_2016_12.pdf. Acesso em março de 2020

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4248256/mod_resource/content/0/Angela%20Davis_Mulheres%2C%20raca%20e%20classe.pdf. Acesso em março de 2021

D'ALKMIN, Sônia Maria; AMARAL, Sérgio Tibiriçá. A conquista do voto feminino no Brasil. **ETIC-ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA-ISSN 21-76-8498**, v. 2, n. 2, 2006.

DIEESE. Boletim Anual Mulheres e Mercado de Trabalho 2017, Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Universidade de Caxias do Sul UCS - BICE - Processamento Técnico. Disponível em: https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/Boletim_Mulheres_2017_2.pdf acesso em abril de 2021

DIEESE. Boletim ESPECIAL, Desigualdade entre negros e brancos se aprofunda durante a pandemia. (DIEESE) Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômico (2020).. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2020/boletimEspecial03.pdf> acesso em abril de 2021

DIEESE. Boletim Emprego em Pauta (2018) Trabalho por conta própria cresce na crise, mas em piores condições. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimempregoempauta/2018/boletimEmpregoEmPauta8.pdf> acesso em abril de 2021

DUARTE, Adenir Pereira. Os desafios da discriminação: a mulher negra no mercado de trabalho. 2019. Disponível em: https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/1979/1/MONOGRAFIA_DesafiosDiscrimina%c3%a7%c3%a3oMulher.pdf. Acesso em: maio de 2020

FARIA, Laryssa et al. “NEGA DE NINGUÉM”: A CONDIÇÃO DA MULHER NEGRA NO MERCADO DE TRABALHO CONTEMPORÂNEO. **Percursos**, v. 4, n. 31, p. 128-131, 2019.

FERENHOF, Helio Aisenberg; FERNANDES, Roberto Fabiano. Desmistificando a revisão de literatura como base para redação científica: método SSF. **Revista ACB**, v. 21, n. 3, p. 550-563, 2016.

GUIMARÃES, Flávio Romero; NEWTON, PAULLA CHRISTIANNE DA COSTA. Dizer-Se Parda, Para Não Se Dizer Negra: Autodeclaração Entre Trabalhadoras Domésticas Sindicalizadas E Não Sindicalizadas Do Brasil. **Revista Brasileira de Direitos e Garantias Fundamentais**, v. 3, n. 2, p. 128-143, 2017.

JUNIOR, Eloy Pereira Lemos; SILVA, Carolina. DISCRIMINAÇÃO DA MULHER NO MERCADO TRABALHO: DESTACANDO A MULHER NEGRA NESTE PROCESSO. **Revista de Direitos Fundamentais nas Relações do Trabalho, Sociais e Empresariais**, v. 5, n. 2, p. 76-93, 2019.

LOPES, Alberto Pereira. A escravidão moderna no Brasil: reflexões de um passado presente. **Territórios e Fronteiras**, v. 10, n. 1, p. 7-24, 2017.

MACEDO, Paloma da Silva Nunes; CHAVES, Marcial Ribeiro. AS POSIÇÕES DE OCUPAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS NO MERCADO DE TRABALHO DO BRASIL. **REVISTA UNIÍTAO EM PESQUISA**. ISSN: 2236-9074, v. 9, n. 1, 2019.

MATTEI, Taise Fátima; BAÇO, Fernanda Mendes Bezerra. Análise das desigualdades salariais entre homens e mulheres no mercado de trabalho de Santa Catarina. **DRd-Desenvolvimento Regional em debate**, v. 7, n. 2, p. 96-117, 2017.

MOURA, Renan Gomes. "Somos mais sofridas do que marginais": A mulher Negra do Mercado de Trabalho. **Revista Valore**, v. 3, n. 2, p. 539-556, 2018.

NOGUEIRA, Tamis Porfírio Costa Crisóstomo Ramos. Mucama Permitida: a identidade negra do trabalho doméstico no Brasil. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 3, n. 4, p. 47-58, 2017 .

NASCIMENTO, André José; MEDEIROS, Ms Maria da Gloria. O Fim da Escravidão e as Suas Consequências. 2010. Disponível em: <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/4Col-p.309.pdf>. Acesso em março

PINTO, Giselle. Situação das mulheres negras no mercado de trabalho: uma análise dos indicadores sociais. **Anais**, p. 1-16,

PINHEIRO, Luana Simões; TOKARSKI, Carolina Pereira; VASCONCELOS, Marcia. Vulnerabilidades das trabalhadoras domésticas no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil. 2020. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200609_nt_disoc_n_75.pdf. Acesso em abril de 2020

PINHEIRO, Luana Simões et al. Os desafios do passado no trabalho doméstico do século XXI: reflexões para o caso brasileiro a partir dos dados da PNAD contínua. 2019. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2528.pdf acesso em abril de 2020

PEREIRA, Bergman. De escravas a empregadas domésticas-A dimensão social e o "lugar" das mulheres negras no pós-abolição. **Anais do Encontro da ANPUH**, 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308183602_ARQUIVO_ArtigoANPUH-Bergman.pdf acesso em abril de 2020

RODRIGUES, Silvana Aparecida. Uma análise bibliométrica acerca das dificuldades vivenciadas pelas mulheres no mercado de trabalho. 2019. Disponível em: https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/2475/1/MONOGRAFIA_An%c3%a1liseBibliom%c3%a9tricaDificuldades.pdf. Acesso em maio de 2020

RODRIGUES, Cristiano Santos; PRADO, Marco Aurélio Maximo. Movimento de mulheres negras: trajetória política, práticas mobilizatórias e articulações com o Estado brasileiro. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n. 3, p. 445-456, 2010.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. Editora Companhia das Letras, 2018.

STAMM, Cristiano; DE CASTRO, Bruna Naiara. Diferenças salariais de gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro: uma análise estatística e econométrica. **Anais**, p. 1-20, 2017.

SANTOS, Jaqueline Miranda Testolin dos. Mulher negra frente ao mercado: racismo e desigualdades de gênero. 2019. Disponível em:
<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/203818/001107586.pdf?sequence=1&isAllowed=y> acesso em março de 2021

VARGAS, Marcia; WAMBIER, Sandro Marlus. A HISTÓRIA DAS MULHERES NEGRAS NO BRASIL: NO ENFRENTAMENTO DA DISCRIMINAÇÃO E VIOLÊNCIA. Disponível em:
http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_hist_ufpr_marciadevargas.pdf. Acesso em abril 2021

VALIATI APARECIDA ENI, Didático-pedagógicos, Produções. Os desafios da Escola Pública Paranaense Na Perspectiva do Professor PDF 2016, Volume II . Disponível em:
http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_hist_unicentro_eniaparecidavaliati.pdf acesso em abril de 2020